

**TV e o monopólio da morbidez (MALU FONTES)**

**COMEÇO DE TARDE** em Salvador. Na tela da TV, ágil como um urubu eletrônico programado, um helicóptero da TV Record ronda, aproxima-se, sobrevoa, plaina, durante minutos que parecem eternos, sobre um corpo masculino morto, esfacelado sob o sol no asfalto de uma rodovia, após um acidente de trânsito recém-ocorrido. No estúdio, o apresentador Zé Eduardo, o Bocão, narra a tragédia ao mesmo tempo em que faz as vezes de diretor de imagem, pedindo para a câmera ir para lá, para cá, pedindo para granular a imagem aqui ou acolá. Estendido no solo, visto de cima, sob a perspectiva do olhar de gavião eletronicamente potencializado das câmeras de TV atrepadas no helicóptero, um motociclista morto, mutilado, num nível tal de desconfiguração corporal, decorrente do porte do acidente, que equivalia a cenas de filmes B de terror. Manchas vermelhas e brancas espalhadas em raios que o apresentador dizia equivaler a 30 metros. Não era ketchup.

**LONA** - O fato: um motociclista desequilibrara-se, caíra do veículo e, em seguida, fora atropelado, segundo a emissora, por um, dois ou mais caminhões, que seguiram viagem sem parar, sem prestar socorro. A vítima, a imprensa identificaria depois como sendo um jovem de apenas 19 anos que, no instante do acidente, dirigia-se no sentido Simões Filho-Salvador para encontrar a mulher, que lhe telefonara convidando-o para uma surpresa: acabara de descobrir que estava grávida. Enfim, uma história com todos os contornos de um drama capaz de mobilizar os telejornais populares à exaustão. No entanto, embora em meio a esse cenário macabro, dois elementos chamavam atenção para além do corpo: a insistência com que o repórter e apresentador reclamavam da presença de curiosos e o fato de praticamente todos esses 'curiosos' não se contentarem em ver a cena a olho nu, pois empunhavam também um telefone celular gravando a cena. Imediatamente após o acidente, formou-se um engarrafamento monstruoso na BR-324, nos dois sentidos, pois enquanto o tráfego ficara interrompido na pista do sentido do acidente, do outro, os veículos reduziam a velocidade praticamente a zero para fazer o óbvio em contextos desta natureza: para que motoristas e passageiros de automóveis pequenos e de ônibus cheios de passageiros olhassem corpo, o que prolongaria ainda mais o cenário mórbido no local. O serviço de remoção de corpos do Instituto Médico Legal, como não dispõe da precisão alada dos helicóptero da TV, levaria horas para chegar no local. Somente cerca de uma hora depois, a primeira providência era dada para diminuir o impacto da imagem: uma lona de plástico preto fora colocada sobre o corpo pela equipe de socorro médico da rodovia.

**MORTE AO VIVO** - Na noite anterior, uma segunda-feira, a TV Cultura reprisara uma entrevista histórica com Ayrton Senna, realizada pelo programa Roda Viva há mais de 20 anos, em 1986, quando o piloto havia vencido a sua primeira corrida de Fórmula 1. Em um dos trechos da entrevista, o então sóbrio repórter de TV, Marcelo Rezende, pergunta a Senna sobre como ele se sente diante do resultado de uma pesquisa da época que dizia que o público de Fórmula 1 via como um dos principais atrativos mobilizadores de uma corrida a possibilidade de ver de perto um acidente grave, inclusive com desfecho fatal.

A fala de Senna caíria como uma luva para explicar o comportamento público que incomodava, no episódio narrado, as reclamações do apresentador Zé Eduardo sobre a insistente e incômoda curiosidade do público diante do corpo morto na rodovia. Claro que o mesmo interesse que o caso despertava para o gavião eletrônico televisivo que lhe sobrevoava era compartilhado pela população ao redor da cena. E com a popularização dos celulares com câmeras, cada indivíduo que parava para filmar a vítima do acidente mimetizava um pouco o que vê os telejornais fazendo dia a dia: ao seu modo, estão capturando imagens trágicas para saírem por aí narrando à sua maneira o que viram e registraram. E suprema ironia trágica: a morte espetacular de Senna se deu ao vivo, diante das câmaras, com transmissão planetária e está capturada para sempre em imagens em movimento, inapagáveis.

**COFRINHO** - Ou seja, a natureza mórbida dos curiosos que, para os profissionais de TV atrapalham o serviço de socorro, da Polícia ou de remoção tem exatamente a mesma explicação e a mesma origem das razões que levam o helicóptero da emissora a sobrevoar como gavião o alvo no solo. A própria TV, inclusive, só investe a esse ponto na captura desse tipo de imagem porque sabe da existência dessa atração e curiosidade mórbida do público. O programa que reclama da curiosidade popular diante de um crime ou cadáver em via pública, acaso teria a audiência que tem não fosse esse fascínio popular que move as pessoas e irrita a TV por atrapalhar a captura das imagens por helicóptero? O desejo de consumir o mórbido que justifica motoristas pararem seus carros para ver um morto é exatamente do mesmo tipo daquele sentido pelo telespectador que vai garantir a audiência dos programas que exploram as tragédias. Como disse Ayrton Senna, é típico da natureza do homem e seu desejo ambíguo de chocar-se e fascinar-se com a dor e o sangue alheios. Não, a curiosidade mórbida pela vida extinta ou extinguindo-se não é monopólio da TV. Ao contrário, a TV alimenta-se da existência prévia dela para encher seu cofrinho. O helicóptero vai ter que lidar com esse detalhe incômodo da aglomeração popular nos cenários das tragédias.

## **Bairro de inventores (GILBERTO DIMENSTEIN)**

**FORMADO EM** matemática pela Universidade de Brasília, Yuri Ramos estudou administração no MIT e, neste ano, abriu uma empresa, batizada de mob376, para desenvolver programas destinados a tablets e celulares. Descobriu, então, que, pagando apenas R\$ 400 mensais, ele teria à sua disposição diariamente uma estação de trabalho, salas para reunião e uma cozinha repleta de barras de cereais, salgadinhos, chocolates, sorvete, refrigerantes e vários tipos de cerveja. "Só o que eu como já alivia parte dessa conta", afirma Yuri. A generosa cozinha não é nada em comparação com as demais vantagens.

A seu lado, circulam empreendedores dos mais diferentes países e idades, todos obcecados pela ideia de abrir uma "star-up"- uma empresa iniciante focada em inovação. Mas também circulam investidores com vontade e dinheiro (muito dinheiro) para apostar em projetos. Até pouco tempo atrás, o bairro em que Yuri abriu sua empresa era um pântano e ainda é quase desconhecido internacionalmente, mas, segundo o Boston Consulting Group, em nenhum lugar do mundo existem tantas "start-ups" por metro quadrado. A mão de obra qualificada atraiu empresas como o Google, a IBM, a Microsoft e a Novartis, entre muitas outras.

Mesmo nos Estados Unidos, Kendall Square é pouco conhecido. Fica em Cambridge, vizinho de Boston. A transformação de um pântano em um centro planetário de inovação explica-se por uma simples razão. O bairro está entre o MIT e Harvard, onde jovens alugam escritórios ou minúsculas estações de trabalho para abrir suas empresas e aproveitar a rede de conexões locais. A imagem que sintetiza o espírito do lugar está no chão. Há duas semanas, foi inaugurada ali uma praça dos inovadores. Nomes de empreendedores famosos, como Thomas Edison, Steve Jobs ou Bill Gates, estão gravados no chão, numa versão empresarial da calçada da fama de Hollywood. Ao passar pelas placas, o celular capta a história de cada um daqueles inventores.

A efervescência é especialmente visível no prédio em que está Yuri Ramos, batizado de Cambridge Innovation Center, que, sem querer, virou um misto de hub com incubadora. "Não sabíamos o que estávamos fazendo", conta Tim Rowe, que é filho de professores universitários (de Harvard e do MIT). Para ajudar sua mulher a desenvolver uma empresa, Tim alugou uma sala. Pouco tempo depois, alguns pesquisadores se interessaram em dividir o espaço para economizar dinheiro. "Percebi que havia ali um mercado." Atualmente ele aluga vários andares num prédio ("Vou alugar mais e mais", entusiasma-se), onde criou um ponto de encontro para quem inventa e para quem está disposto a patrocinar a invenção. "A inovação está no DNA da cidade. Basta lembrar que aqui, por exemplo, se fez a primeira ligação telefônica da história da humanidade, em 1876, que aqui foi realizada a primeira demonstração do uso da anestesia e que aqui se viabilizou a industrialização da penicilina", conta Tim.

Além de tecnologia da informação, a biotecnologia é um dos grandes focos de Kendall Square. Nas redondezas, afinal, estão centros de pesquisas sobre o câncer, o cérebro e o genoma. No Media Lab, do MIT, há um departamento dedicado apenas a implementar tecnologia da informação em medicina, do desenvolvimento de próteses a aplicativos de saúde para celulares. Mas, para fazer do lugar um hub empresarial, não bastavam a abundância de talentos e as universidades. A prefeitura logo percebeu que estava diante de uma chance de gerar empregos e impostos. Criou-se uma associação, na qual se envolveu a comunidade. Um dos protagonistas era o hotel Marriot, interessado em fazer do local um centro mais efervescente. Salas do hotel serviram de campo neutro para que se pensasse um projeto.

O hotel colhe resultados, já visíveis na sua taxa de ocupação. Nos últimos seis meses, foram abertos 15 restaurantes no bairro; cinco nos últimos 30 dias. Aposta-se que, em pouco tempo, a paisagem desoladora noturna vá mudar. Já começam a ser construídos empreendimentos residenciais, o que talvez traga a boemia e, com ela, mais alegria, transformando o lugar num bairro de verdade. Tim Rowe comentou comigo que um sinal dos novos tempos foi o surgimento de um músico de rua com seu chapéu no chão. Afinal, ali existe mais gente apta a descobrir um remédio contra o câncer do que a tocar um saxofone na rua.

**PS-** Um sinal da indigência das nossas eleições municipais é a escassez de propostas ousadas sobre como uma prefeitura consegue ser indutora de desenvolvimento econômico, estimulando o empreendedorismo dos jovens. Se apenas disponibilizassem, em prédios da região central, espaços para incubadoras, conectadas a apoio técnico e financiamento, já fariam um bom negócio para atrair talentos.

---

**GILBERTO DIMENSTEIN** escreve semanalmente para esta coluna. **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

## **Privacidade e regulamentação da internet (NEWTON LIMA E LUIZA ERUNDINA)**

**A INTERNET** tornou-se um dos mais importantes instrumentos de comunicação para o desenvolvimento

econômico e cultural de nossa sociedade, para o aprofundamento da democracia e até para mobilizações políticas como as que testemunhamos atualmente em nações do mundo árabe.

A reboque da internet, vieram os riscos de violação de garantias constitucionais individuais e coletivas, na ausência de um marco legal que relacione, de um lado, regras de proteção aos cidadãos, e de outro, responsabilidades empresariais de provedores e detentores de plataformas hospedeiras. Há 15 anos, tramitam no Congresso do país projetos de lei que dispõem sobre a regulamentação do uso da internet em território nacional. O mais adiantado, o PL 84/1.999, tem o deputado Eduardo Azeredo (PSDB-MG) como relator.

No intuito sincero de coibir a criminalidade na internet, o texto acaba avançando sobre os direitos fundamentais de liberdade de expressão, de informação e de privacidade dos cidadãos. Além disso, no que diz respeito ao direito do consumidor, o PL inverte a lógica do princípio da boa-fé, criando, no entendimento do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), a figura da "presunção de culpa", que se contrapõe ao princípio constitucional da "presunção da inocência".

A obrigatoriedade da guarda de dados pelos provedores por três anos, conforme previsto no projeto de Azeredo, também assusta, pois promove o monitoramento do usuário. Não é à toa que, na Alemanha, a guarda dessas informações é considerada inconstitucional. Some-se a isso o fato de que o PL é completamente inócuo naquilo a que se pretende, e vejamos por quê. A proposição não alcança os "crackers" que lançam mão de embaralhadores de IPs para perpetrar seus ataques nem os criminosos que se aproveitam de sites e servidores hospedados em outros países, bem como a maioria dos fraudadores do sistema financeiro que atuam no interior de suas instituições.

Para investigar os crimes cibernéticos, segundo a Polícia Federal, é preciso apenas uma legislação complementar à já existente que garanta a guarda de logs de conexão das operadoras (e não os de tráfego e de conteúdo) e criar condições para a disseminação das delegacias especializadas. De outra parte, o governo enviou há pouco ao Congresso sua proposta de marco civil da internet (o PL 2.126/11), que pretende harmonizar a interação entre o direito e a chamada cultura digital.

Ele define um leque de direitos e garantias do usuário, provisão de conexão e de aplicações da internet e diretrizes para a atuação do poder público. Deve ordenar a discussão, uma vez que é imperioso estabelecer princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da rede mundial de computadores, antes de se definir normas legais de punição aos delitos cibernéticos.

---

**NEWTON LIMA** é doutor em engenharia, deputado federal (PT-SP), membro da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara, ex-reitor da UFSCar e ex-prefeito de São Carlos (SP). **LUÍZA ERUNDINA** é assistente social, ex-prefeita de São Paulo, deputada federal (PSB-SP) e membro da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara. **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

## **Chapeuzinho vermelho sem lobo mau (LUIZ FELIPE PONDÉ)**

**OUTRO DIA** duas amigas, mulheres bonitas e jovens, emancipadas, se lamentavam porque os homens de hoje não abrem portas, não deixam as mulheres se sentarem, não pagam a conta, enfim, não são cavalheiros. Claro, nem elas, nem eu assumimos que isso seja uma queixa nova na velha lista de queixas devido à emancipação feminina.

Mas nem tudo são perdas na emancipação feminina, só um ignorante ou um mau-caráter diria uma coisa dessas. Para usar uma expressão do mundo dos recursos humanos em finais de semana de treinamento para motivação (nada mais brega no mundo do que workshops de motivação, não?), a emancipação feminina, como tudo mais, tem seu "lado mais" e seu "lado menos". Disse a elas o óbvio: "Mas, para receber esse tratamento, vocês têm de obedecer, meninas!". Rimos muito com isso.

Claro que, antes que algum inteligentinho berre dizendo que esta é uma observação machista, a expressão "obedecer" aqui nada tem a ver com "Amélia traga minha cerveja já". A expressão "obedecer" aqui tem mais a ver com aquele gostinho gostoso do jogo homem-mulher, entre quatro paredes, no qual homens são lobos maus e mulheres chapeuzinhos vermelhos (ou meninas da capa vermelha como está mais na moda falar depois do recente filme). Tenho de explicar tudo porque umas das coisas que a "crítica ideológica" da relação entre os sexos causa em quem acredita nela (além da chatice usual) é a perda do senso de sutileza.

Quando os homens não podem pensar nas mulheres como objetos sexuais no seu dia a dia (o que não implica ser mal-educado, aliás, falta de educação aqui é antes de tudo falta de conhecimento do "objeto em questão", objeto este que demanda cuidados na "manipulação" porque é inclusive "explosivo") sem que alguma chata fale palavras como "machismo", "patriarcalismo", "blá-blá-blá", acaba-se perdendo a vontade de "mandar na Chapeuzinho Vermelho". O lobo mau desiste de ser mau. O que as mais chatinhas não entendem é que público e privado se misturam para além de suas críticas ao "poder masculino". E que, à medida que as mulheres se tornam "iguais" aos homens, muitos acham que não há porque as desejar tanto assim.

Não há nada no mundo que me dê mais sono do que uma feminista. Principalmente quando o assunto é a tal crítica do patriarcalismo (o "poder masculino"). Interessante como tem gente que, além de apontar os abusos reais

que existem no mundo por conta de os homens serem mais fortes do que as mulheres (atenção: não esqueça, cara leitora da capa vermelha, que essa força maior do homem é parte do lobo mau que a menina da capa vermelha em você tanto gosta...), ama dizer que mesmo a poluição é fruto do patriarcalismo. Pode uma coisa dessas?

Isto é, "sociedades matriarcais" não poluiriam o mundo porque não seriam gananciosas e acumulativas. Alguém já olhou um armário de uma mulher e contou o número de pares de sapato e de vestidos que ela tem? Nada acumulativas. Ou o número de batons? Nada contra, já disse muitas vezes, a vaidade numa mulher é sua segunda pele, só mulheres mal-educadas ou muito infelizes não são vaidosas. Quanto mais cores diferentes de batom, melhor.

Mas as "invejosas do falo" (diriam as psicanalistas mais clássicas) adoram dizer que "tudo é política", logo, "tudo é ideologia patriarcal". Se as mulheres se sentem sozinhas, isso é uma questão política. Se alguém vomitar de medo, isso é uma questão política. Se as mulheres têm pressão arterial mais baixa do que os homens, isso é culpa do patriarcalismo (logo, é política), porque foram os homens que escreveram os tratados de fisiologia, logo...

Enfim, nada mais machista por parte da seleção natural do que fazer com que as mulheres fiquem grávidas e não os homens, porque assim as obrigou a serem mais seletivas no sexo, porque afinal pagam caro por ele. Ou será que isso também é opressão patriarcal? Úteros e ovários são a prova cabal de que o universo é patriarcal? A dor do parto é parte desse plano de opressão? Será que, se criticarmos bem o patriarcalismo, os homens ficarão grávidos e não mais as mulheres?

---

[ponde.folha@uol.com.br](mailto:ponde.folha@uol.com.br) - Folha de São Paulo, outubro de 2011.

## **SEXO & SAÚDE**

### **Sexo sem proteção aumenta entre jovens (JAIRO BOUER)**

**UMA NOVA** pesquisa realizada em vários países mostra que o sexo sem proteção entre os mais jovens aumentou nos últimos dois anos. Isso pode estar ampliando a exposição a doenças sexualmente transmissíveis, Aids e gestação indesejada. Nos Estados Unidos, 53% dos mais novos fizeram sexo sem proteção com um novo parceiro.

Na França, esse número chegou a 40% e, na Tailândia, a mais de 60%. A metodologia das pesquisas sobre comportamento sexual varia de um estudo para o outro (o que pode influenciar os resultados obtidos). Mas o crescimento chegado nesse trabalho feito pela Fundação Internacional Parenthood, com apoio da companhia farmacêutica alemã Bayer, sugere, no mínimo, a necessidade de atenção especial.

Foram entrevistados mais de 5 mil jovens, em 26 países, entre abril e maio de 2011. Aqui no Brasil, o Ministério da Saúde tem identificado alguns grupos mais vulneráveis entre os mais jovens, como as garotas de 13 a 19 e os garotos que fazem sexo com garotos. Esses grupos estariam se cuidando menos. Os motivos para a falha de proteção são clássicos: a falsa sensação de que, por fazer sexo com alguém jovem, não existe risco; a dificuldade das garotas em negociarem o uso da camisinha; a vergonha de ter de comprar preservativo ou de pegar nos postos de saúde; o medo da camisinha atrapalhar a transa, entre outros.

Em tempo: um clássico da literatura da história da Aids no Brasil, o livro "Depois Daquela Viagem" (editora Ática, R\$ 40,90), publicado por Valéria Polizzi em 1997, ganha agora sua primeira versão no teatro. No livro, a autora conta como se contaminou com o vírus HIV com seu primeiro namorado aos 16. A peça estreia nesta quarta-feira, no teatro Sesc Consolação, em São Paulo. Para quem não entende a importância da proteção, a peça e o livro podem ser tema para uma reflexão profunda sobre como lidamos com nossa vida sexual. Não perca!

---

[jbouer@uol.com.br](mailto:jbouer@uol.com.br) - Folha de São Paulo, outubro de 2011.

### **Falta subsídio a quem dá meia-entrada (HUGO POSSOLO)**

**SOU A FAVOR** da meia-entrada. Estudantes e idosos têm esse direito garantido por lei. A Fifa não quer meia-entrada na Copa de 2014, e a presidente Dilma afirma que não pode mudar a lei. Já eu, em minha peça teatral, faço uma promoção na qual aceito carteirinha falsificada para compra de meia-entrada. Afinal, o jeitinho brasileiro é socialmente tão aceitável no varejo quanto no atacado. Há quem critique a corrupção no país e, ao mesmo tempo, use uma carteirinha falsificada para entrar no teatro.

Muitos produtores culturais não entram na discussão sobre meia-entrada, tanto por reconhecerem o valor histórico da conquista dos estudantes quanto para evitarem adotar uma postura antipática perante seu público. A meia-entrada é uma obrigação para qualquer empreendimento cultural ou esportivo que faça cobrança de ingressos, mas os realizadores nunca puderam dispor de qualquer política de subsídio.

Menos complicado é trabalhar com preços mais elevados para o ingresso inteiro, compensando a receita final em suas bilheterias. Já que a lei obriga à oferta da meia-entrada, quem paga a conta é o promotor do evento - que, na realidade, repassa o custo ao público. Lógica perversa, que "inflaciona" todos os ingressos. Qualquer setor produtivo que sofra interferência direta do governo recebe incentivos por conta disso. O preço do pão é tabelado pelo

**Prof. Lucas Rocha**

governo, porque a produção de trigo é subsidiada. O papel usado para livros didáticos é mais barato porque o governo lhe retira os impostos, para que o custo final do livro para o estudante seja menor.

Há uma lógica clara. Se o governo interfere no livre mercado, oferece contrapartidas para quem quer empreender em um negócio regulado. Especialmente se esse negócio atende a necessidades de Estado, em áreas que são prioridade, como é o caso da educação. Por que com a cultura não se dá o mesmo? Provavelmente porque os governos não acreditam que cultura seja uma prioridade de Estado. Muito se debate o apoio às artes, mas o maior interessado, que é o público, a população que paga tantos impostos, tem ficado de fora da discussão e do esboço de políticas públicas.

Arte e cultura têm que ser mais baratos e acessíveis a todos os brasileiros. O que só ocorrerá se o governo injetar mais recursos na área. Caso contrário, o crescimento econômico que sustenta a condição de emergente do Brasil gestará, em se tratando de cultura, um novo-rico a um só tempo ignorante, inculto e mal-educado. Espero que a presidenta Dilma mantenha a determinação de não alterar a lei brasileira por causa de uma Copa do Mundo. Porém, sei também que, assim como as carteirinhas falsificadas são aceitas, as leis se moldam às necessidades, como aconteceu com a lei sobre licitações no que diz respeito à infraestrutura, aos aeroportos e à construção de estádios.

Quero ver no que vai dar. Quem sabe um dia eu possa fazer minhas peças sem ter que inventar promoções que atestem a nossa incapacidade de nos livrarmos do tal jeitinho brasileiro.

---

**HUGO POSSOLO** é palhaço, dramaturgo e diretor do grupo teatral Parlapatões e do Circo Roda. **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

## **Cada um com seus problemas (ROSELY SAYÃO)**

**DE QUEM** são os problemas que os alunos enfrentam na escola? Deveriam ser deles, e só deles, e deveriam ser resolvidos lá, na própria escola. Entretanto, hoje, os problemas são muito mais da responsabilidade dos pais do que dos próprios estudantes. Vamos analisar essa questão a partir de um exemplo?

A mãe de um garoto de 11 anos me escreveu contando sua saga. Ao fim do semestre letivo passado, descontente com os encaminhamentos dados pela instituição que o filho frequentava, ela decidiu transferi-lo. Você sabe o que isso significa, não sabe? Essa mãe precisou conhecer várias escolas até conseguir escolher uma. A escola pediu um encontro com a criança, fez algum tipo de avaliação e disse que poderia, sim, aceitar a transferência. Foi o que a mãe fez. Agora que o aluno já completa quase um bimestre na nova escola e apresenta alguns resultados nas avaliações o alerta vermelho foi acionado. Para a mãe. O filho está com notas bem baixas em língua portuguesa, o que nunca acontecera anteriormente. Você já sabe como proceder em situações como essa, não sabe?

Mãe ou pai vão à escola conversar com alguém responsável. Pode ser o professor, o coordenador, o orientador. No caso de nossa leitora, foi a orientadora da classe quem a recebeu. A mãe saiu de lá com uma orientação: providenciar aulas particulares para o filho. Com a transferência, aconteceu um imprevisto: o aluno já aprendera na outra escola conteúdos que ainda não foram dados na nova, mas ficou sem estudar outros. Por isso tem apresentado baixos resultados nas avaliações.

Em nenhum momento a escola assumiu a responsabilidade de ajudar o aluno a acertar o passo com a sua nova classe, tampouco passou o problema para que a própria criança o resolvesse. A questão foi parar mesmo é no colo da mãe. E lá foi ela pesquisar aulas particulares. Se você já usa tal recurso, sabe o que significa: podem custar até R\$ 80 cada uma. Tem mais: em geral, as professoras não aceitam uma aula por semana. No mínimo duas, para garantir a recuperação necessária.

E assim tem sido escrita a história da relação das crianças com suas vidas escolares. Há um batalhão de adultos assumindo essa luta que deveria ser dos alunos, orientados e acompanhados por seus professores, na escola. Isso tem acontecido principalmente -mas não apenas - porque elegemos a performance escolar das crianças como indicador das chances de seu futuro ser melhor ou pior. De acordo com esse pensamento, um bom aluno tem boas chances no futuro, um mau aluno, não. Se isso é verdade, não sabemos. Mas agimos como se fosse.

E nem nos damos conta de que, se isso valer - o que duvido - estamos atrapalhando nossas crianças. Sim porque, de quem tem sido a boa performance nesse contexto? Dos pais, dos professores particulares, dos orientadores etc. Menos dos alunos. A eles, só resta acatar as decisões que tomamos, passivamente. Numa boa hipótese, ele se rebelam contra elas, recusando o estudo e todas as suas implicações.

Como me disse outro dia um garoto de idade próxima ao filho de nossa leitora: "Quando eu vou mal na escola, minha mãe fica nervosa. Eu é que deveria ficar, não é? Mas ela não entende isso". É, pelo jeito não temos entendido mesmo.

---

**ROSELY SAYÃO** é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha). **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

## Por um estilo de vida (EDUARDO HONORATO e DENISE DESCHAMPS)

Com o modelo americano de família perfeita, o filme "Amor Por Contrato" constrói uma crítica ao consumismo desenfreado e à compra de marcas como símbolo de status e felicidade



Com a estreia no Brasil apenas no final de 2010, Amor por Contrato não foi um grande sucesso de bilheteria, apesar de ter no elenco nomes como David Duchovny e Demi Moore. O filme não despertou grandes comentários, mas traz possibilidades de reflexões bem importantes.

Logo no início do filme não será incomum se o espectador se incomodar com algo nas cenas. Até que se dissipe este incômodo e fique claro o motivo, é possível até irritar-se com tanta "perfeição familiar". No resgate da história americana, o pós-guerra trouxe uma necessidade de afirmação do "estilo de vida americano". A família perfeita com pai, mãe e um casal de filhos, vivendo o sonho americano de consumo, que se propagou pelo mundo inteiro. Esta fantasia ainda existe nos dias de hoje, por mais que pesquisas apontem para novas formas familiares. A composição perfeita do retrato tem mais laços afetivos do que na vida real poderemos ver. Tanta perfeição que irrita, e que deve ser oriunda da nítida "falsidade" que existe nesses vínculos de afeto distinto.

A abordagem principal passa pela crítica ao consumismo desenfreado como busca pela felicidade. Um fenômeno muito conhecido das sociedades capitalistas. No transcorrer do filme, deixa pontos diversos para outras tantas reflexões. Poderíamos pensar logo de partida no conceito de família nuclear como centro que carrega a estrutura social que forma as relações de mercado, no próprio casamento pelo viés do patrimônio e composição dos laços econômicos e despido de toda a sua carga romântica. A família Jones tem uma tarefa bastante específica, um marketing de marcas que é levado ao cotidiano e intimidade dos laços que vão formando em seu novo bairro. Interessante logo ao começo do filme, quando sua supervisora, ao criticar o desempenho do pai, Steve (David Duchovny), diz a ele que é preciso encontrar seu "instinto assassino", levando a ver o mundo das vendas como algo que paira em um vácuo da ética. A mãe, Kate (Demi Moore) traz ao espectador uma boa reflexão do papel central da mulher atual nas relações econômicas de base. Ela é a "boss" da célula de propaganda formada por essa família.



**Steve e Kate são os pais de uma família típica americana, cuja falsa composição perfeita é utilizada como estratégia de marketing para o consumo**

em vendas que cada um incentiva, naquilo que chamam de "onda" de consumo, fomentada por eles por meio da inveja de seus novos conhecidos, quer sejam os vizinhos ou colegas de escolas dos filhos Mick (Ben Hollingsworth) e Jenn (Amber Heard). Não vendem diretamente algum produto, mas sim uma "tendência" que é dada pela própria imagem de "bem-sucedidos" que impõem em seu novo meio ambiente, mostram-se a ele, felizes e realizados. Um real totalmente virtual, inclusive pelas fotos espalhadas pela casa, absolutamente perfeitas e lindas, assim como a própria casa, que faz suspirar a muitos de nós, espectadores dessa grande publicidade.

Durante os últimos anos, a palavra "marketing" assumiu grande importância no vocabulário social. Marketing coletivo, político, social, pessoal. Vender é o lema dessa sociedade neoliberal, em que "ser é ter". Vender, e "SE" vender faz-se necessário, como prática quase que de sobrevivência. Não se vende um produto, se vende um estilo de vida, uma forma de comportamento compulsivo com base em valores que são subjetivos, e ao mesmo tempo, bem concretos. Ter um produto significa ter supostos valores "morais e sociais" atrelados a ele.

Não há nessa família nenhuma construção de afeto e de alguma maneira a competição entre eles está dada pelo índice

**DURANTE OS ÚLTIMOS ANOS, A PALAVRA "MARKETING" ASSUMIU GRANDE IMPORTÂNCIA NO VOCABULÁRIO SOCIAL. VENDER É O LEMA DESSA SOCIEDADE NEOLIBERAL, EM QUE "SER É TER"**

Podemos verificar os fenômenos dos vínculos familiares e a família nuclear como a grande célula de sustentação das relações de consumo, uma crítica direta que pode ser mais elaborada por muitas das correntes que postulam, por exemplo, que existiria na abordagem da Psicanálise, uma defesa do centro das relações capitalistas. Ao modelo do Édipo, a filha Jenn, bastante fixada em relações com homens mais maduros, chega a tentar seduzir seu "pai" emprestado, sofrendo diretamente a interdição da mãe, Kate, que proíbe essa investida. Ela desliza então o desejo, envolvendo-se mais adiante com um dos vizinhos, homem casado e muito mais velho do que ela. Cai em uma história de sedução, para ser abandonada mais adiante bem ao estilo Beleza americana, iniciação de uma jovem, em que a relação com a figura paterna ocupa um laço frouxo, no centro de sua formação de vínculos.

Aos poucos essa família-propaganda vai criando verdadeiras ondas de consumo na comunidade emergente na qual foi inserida, tudo isso sob a batuta firme dos gráficos apresentados por KC, a poderosa supervisora, que estimula as estratégias de inserção de produtos, até que se veem diante de questões éticas tais como a qual público tal produto foca, mesmo que contenha em si a proibição, como a bebida alcoólica que é passada de uma forma que obviamente chama o público juvenil para seu uso. O consumo de produtos como meta a ser atingida começa a esbarrar nas relações que vão construindo pelo caminho. É aqui que vemos no falso pai, Steve, algum traço de um questionamento ético em relação às ações que empreendem, até mesmo por um inesperado afeto que se ergue entre ele e Kate, sua esposa na farsa engendrada.

**FREUD NOS DIZ EM SEU TEXTO PSICOLOGIA DOS GRUPOS E ANÁLISE DO EGO QUE "OS SENTIMENTOS DE UM GRUPO SÃO SEMPRE MUITO SIMPLES E MUITO EXAGERADOS, DE MANEIRA QUE NÃO CONHECEM A DÚVIDA NEM A INCERTEZA"**

Caberá aqui a pergunta do quanto somos, muitas vezes, cabides de propaganda de alguns produtos. Quantas horas de trabalho gastamos para dizer ao mundo que trabalhamos com sucesso e retorno financeiro? Isso faz lembrar algumas manchetes de jornais que chocaram o mundo quando lemos sobre sujeitos que ante a derrota financeira, súbita falência, atacam a si mesmos identificados então com o fracasso, algumas vezes pelo próprio ato de "assassinato" contra si mesmos, atacam o que oprime, apontando para o que diz Freud em seu magistral texto sobre luto e melancolia, que o suicídio é traduzido por um ato violento contra um objeto introjetado, minando até mesmo a forte corrente das pulsões de autoconservação.

Freud nos diz em seu texto Psicologia dos Grupos e Análise do Ego que "os sentimentos de um grupo são sempre muito simples e muito exagerados, de maneira que não conhecem a dúvida nem a incerteza". Esse aspecto nos é apresentado no filme de maneira bastante evidente, principalmente perto de seu desfecho. O grupo social e suas marcas de prestígio ficam acima de outros aspectos mais importantes, até mesmo da importância da vida. Os fatos que essa inserção de publicidade irá desencadear acabam por finalizar abruptamente a tarefa dessa célula de propaganda insólita. O roteiro do longa, com essa ideia original, nos põe a pensar sobre essa possibilidade como um fato provável, talvez porque um pouco de cada um de nós se reconheça na trama do jogo do consumo ao qual somos submetidos, ao mesmo tempo em que também somos agentes ativos no cotidiano. "A ideia é que somos cúmplices da definição que o outro faz de nós. O sistema de relações humanas é o doente" (Pavlovsky, E).

Podemos pensar nos elementos de contágio e sugestibilidade que Freud cita a partir das teses de Le Bon como um forte condutor nas resoluções que parecem individuais, mas que pertencem à ordem dos fenômenos grupais. Esse sentimento de pertencer a determinado grupo é algo que impõe ao sujeito certo entorpecimento de sua capacidade crítica. Alguns compradores compulsivos podem nos exemplificar muito bem tudo isso, quando narram o impulso ao comprar, e ao sentimento posterior de inutilidade do ato, muitas vezes acompanhado pelo traço de culpa e vergonha. O objeto tão desejado não cumpre o prometido, deixa mais uma vez exposta a sempre presente constatação da solidão de cada ser. Mesmo quando pertence como símbolo a um determinado grupo social, nenhum produto é capaz de anular a constatação já senso comum de que nascemos e morremos sós, e que nesse meio-tempo, talvez possamos pensar como Freud que "... nossa atenção será atraída em primeiro lugar por uma consideração que promete levar-nos da maneira mais direta a uma prova de que os laços libidinais são o que caracteriza um grupo".



**MESMO QUANDO PERTENCE A UM DETERMINADO GRUPO SOCIAL, NENHUM PRODUTO É CAPAZ DE ANULAR A CONSTATAÇÃO DE QUE NASCEMOS E MORREMOS SÓS**

Até que ponto nossos laços sociais constroem um número tão grande de máscaras, algumas delas absolutamente desnecessárias, escolhas amargas que pagamos com alto preço de perda de autonomia e liberdade, algumas delas se colando de tal maneira à face que impossibilitam um questionar e uma potência de transformação. Nesses papéis que vamos aceitando ao longo da vida, investimos libido e depois acabamos prisioneiros em suas manutenções. Embora seja a escolha de cada um, perde-se a dimensão da libertação, sempre possível. "Eu quero uma casa no campo...", mas nossa principal dimensão é constituída pelo tecido social que vamos formando pelo entrelaçado dos afetos, qualquer ameaça de rompimento fala a algo que também é construtor de uma identidade, já nascemos repletos de inscrições, a começar pelo "nome de família", identidade patrimonial.

Nossa virtual família do filme aprende na pele que o afeto é um imperativo do sujeito, e em determinado momento do longa, chegamos quase a esquecer que não são uma família como outra qualquer, obviamente também com seus silêncios não ditos, afastamento emocional e negação. Até mesmo o desconhecimento da homossexualidade de um dos filhos acaba por remeter o espectador a algo que não é ausente em muitas famílias com as quais convivemos, e em muitos aspectos, a de cada um de nós.



**O consumismo desenfreado imposto à família levanta questionamentos éticos ao longo da trama, causando dor e afastamento emocional**

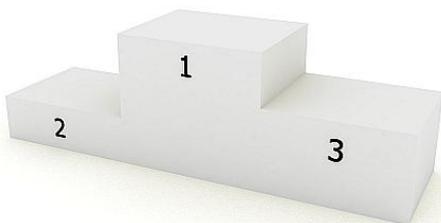
Não podemos pensar nesse filme apenas como uma crítica. De alguma forma perceberemos que nem seus formuladores tiveram essa pretensão, sabiam, e deixaram isso inscrito, que estavam "implicados" no objeto da crítica, como apontamos logo ao início deste texto. Na terra do consumo, não podemos pensar em um sujeito não atravessado por tão fortes marcadores sociais. Fica ao final a certeza de que estamos todos ali, de alguma maneira, e de que em algum momento, o que é realmente importante se perde um pouco em nossas vidas. O que sentimos que somos e o que representamos pairam em um espaço de dúvida. Nossas máscaras e papéis nos pertencem, são concomitantemente prisão e escolha, amadas e repudiadas. Amadurecer, algumas vezes, é olhar-se ao espelho e não saber mais o que é a face e o que é a máscara, nessa mistura subjetiva que constitui um sujeito. Alguns quedam prisioneiros e viciados em suas mais virtuais máscaras. Kate e Steve terão que dar conta disso e pensar no real das relações, naquelas que também inserem os afetos em um campo social.



**Amor por Contrato.** Título Original The Joneses. Lançamento: 2009. Direção: Derrick Borte. Duração: 96 min. Gênero: drama. Distribuidora: Califórnia Filmes

**EDUARDO J. S. HONORATO**- Psicólogo e psicanalista. **DENISE DESCHAMPS** - Psicóloga e psicanalista. Autores do livro *Cinematerapia: Entendendo conflitos*. Participam de palestras, cursos e workshops em empresas e universidades sobre este tema. Coordenam o site [www.cinematerapia.psc.br](http://www.cinematerapia.psc.br). **Revista PSIQUE, outubro de 2011.**

**Enem e a ditadura dos rankings - A professora da USP Cristiane Gottschalk critica a utilização indiscriminada de exames para avaliar a qualidade da educação**



"Acredita-se em um poder mítico dos números e esquece-se que o ensino tem objetivos que não são passíveis de mensuração quantitativa", afirma Cristiane Gottschalk, doutora em filosofia da educação e professora da Universidade de São Paulo. Além do alto número de rankings que procuram medir a qualidade de escolas e universidades, Gottschalk comenta a recente polêmica sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e a promoção de instituições de ensino com base no resultado da prova.

**Existe na sociedade uma neurose em torno de rankings universitários e escolares?**

Sem dúvida. Existe uma pressão crescente da economia mundial sobre os sistemas educacionais para que sejam determinados os níveis de eficiência das escolas e universidades. Um dos resultados são esses rankings que têm ocupado as manchetes, como se fossem descrições precisas do grau de eficiência das instituições. A avaliação de um aluno da escola básica não pode se reduzir a um número aferido por provas de disciplinas específicas, como matemática e português. Do mesmo modo, a pesquisa na universidade transcende a quantidade de artigos publicados em revistas especializadas.

### **Há fatores que não podem ser mensurados, mas são determinantes?**

Além de serem determinantes, são condições de aprendizado, como a transmissão de princípios e procedimentos que são ensinados muitas vezes de modo tácito. Técnicas de memorização, modos de comparar e organizar fenômenos, diferentes formas de raciocínio (indutivo, analógico e dedutivo)... Há uma gama ilimitada de "fatores" não passíveis de serem mensurados em curto prazo.

### **O Enem é mais usado para a promoção dos colégios do que para a análise do ensino no país?**

Sim. Mas, além desse uso perverso do Enem, que esconde interesses privados, gostaria de ressaltar outro equívoco. O exame está fundamentado em uma teoria pedagógica específica, denominada "pedagogia das competências". Essa concepção tem como norte o desenvolvimento já na escola de competências exigidas pelo mercado de trabalho. Mais preocupante é que o governo tem anunciado o propósito de utilizar o Enem como modelo para o currículo do ensino médio, induzindo, assim, todas as escolas públicas a adotarem uma única metodologia de ensino. A escola perde sua autonomia e os professores passam a ser meros executores de orientações pedagógicas vindas de cima.

### **O QUE ESTOU LENDO**

A obra tardia do filósofo **Ludwig Wittgenstein**, em particular *Remarks on the Philosophy of Psychology* (University of Chicago Press), alternando com a leitura de *The New York Trilogy* (Faber and Faber), de **Paul Auster**.

### **O QUE ESTOU OUVINDO**

O cantor **Zeca Baleiro** e o conjunto de rock em que meu filho é baterista.

### **O ÚLTIMO FILME QUE VI**

No cinema, *Melancholia*, de **Lars von Trier**, belo filme. Em vídeo, um filme dos anos 1930, *Grande Hotel*, de **Edmund Goulding**, mais belo ainda.

---

Revista CULT, outubro de 2011.

## **Política da solidão (MÁRCIA TIBURI)**

**ALGO VAI** muito mal com a autocompreensão do ser humano sob a crença de que existe um padrão normal dos afetos que calibraria o todo da experiência emocional humana. A crença na normalidade confirma apenas que vivemos mergulhados na incomunicabilidade. Os sentimentos humanos são nebulosos e confusos, mas não são expressos senão por meio de atos desesperados que falam por si mesmos.

Se a norma fosse estabelecida pelo que há de mais comum, teríamos de voltar ao paradoxo de Bacamarte: o anormal é normal, o normal é anormal.

O fenômeno contemporâneo da psiquiatrização da vida nasceu como tentativa de eliminar a estranheza humana. Hoje ele sustenta a indústria cultural da saúde, que se serve do sofrimento humano como a hiena se serve da carniça. Para os fins do logro capitalista já não basta aproveitar a desgraça do outro, também se pode ajudar a incrementar a produção do infortúnio usando a arma do discurso. A moral une-se à ciência nessas horas e quem paga o preço é o indivíduo humano, do qual se extirpa a capacidade de pensar sobre sua própria vida.

Se a indústria farmacêutica depende da evolução das drogas e dos remédios, depende também da existência de doenças. Criar um remédio pode implicar a criação da doença. Assim é que uma das mais fundamentais experiências humanas na mira dos sacerdotes da moral que propagam a psiquiatrização da vida é, hoje, a solidão. A banalidade da proposta não é pouco violenta.

Em pesquisa recentemente divulgada, um médico norte-americano definiu a solidão não apenas como doença, mas como epidemia. Tratou-a como uma tendência contrária à evolução. Definida como um erro da "natureza humana", a solidão passa a ser vista fora de sua dimensão social e histórica. Como doença, ela seria a causa do sofrimento e não o efeito da perda de sentido da convivência entre as pessoas. Em última instância, daquilo que seria o significado mais próprio da política como universo da integração entre indivíduos e comunidades.

**Prof. Lucas Rocha**

Em um mundo em que a política foi destruída pelo poder transformado em violência, a solidão é o sintoma do medo do outro que ameaça o indivíduo. Diz-se indivíduo daquele que não pode ser dividido, que é inteiro. Podemos dizer que a solidão é constitutiva de si no mais simples sentido metafísico. Mas há a solidão como um fato que diz respeito à vida vivida fora das relações. É essa solidão que deve ser inscrita na filosofia política como afeto político.

Mas não há nada de anormal em um indivíduo viver só. A solidão da qual muitos se queixam hoje como um desprazer pode ser para outros tantos um prazer. Viver em comunidade não faz sentido para todo mundo e isso não leva necessariamente à conclusão de antissociabilidade da qual o indivíduo seria a vítima ou o culpado.

A solidão nas cidades grandes é muito mais um sinal da precariedade do sentido da comunidade e da convivência, é mais um problema sociocultural do que de escolha individual.

## Selva de pedra

Certamente ela reflete a impossibilidade de retornar às florestas, como um dia fez Henry Thoreau. As florestas estão em extinção, assim como, curiosamente, a ideia de humanidade. Resta fugir para a moderna caverna na selva de pedra – sem querer reeditar lugares-comuns – que é a casa de cada um.

A solidão é, assim, a categoria política que expressa a nostalgia de uma vivência de si mesmo. Ela é, por isso, a tentativa de preservar a subjetividade e a intimidade consigo mesmo que não tem lugar no contexto de relações sociais transformadas em mercadorias baratas. A sociedade da antipolítica precisa tratar a solidão como uma pena e um mal-estar quando não consegue olhar para a miséria da vez: o fetiche da hiperconectividade, que ilude que não somos sozinhos.

---

Revista CULT, outubro de 2011.

## Bündchen também discrimina os homens (FAUSTO RODRIGUES DE LIMA)

**PRA GASTAR** todo o dinheiro do marido e conseguir sua compreensão, a mulher brasileira precisa lhe conceder sexo. O ensinamento de uma campanha da lingerie Hope, protagonizada por Gisele Bündchen, causou justa indignação a ponto de a Secretaria de Políticas para as Mulheres pedir sua suspensão.

Essa e outras manifestações sexistas escamoteiam faceta pouco explorada: o homem também é discriminado. Ora, para a campanha referida, o marido ideal precisa ser o provedor; caso contrário, não pode ter uma mulher linda e disponível para o sexo. Como um cão no cio, necessita de sexo a todo momento e a todo custo. Não deve se importar com a satisfação da parceira; basta que ela finja prazer.

Se analisarmos comerciais dirigidos aos homens, veremos que, nessas peças, eles são tratados como crianças abobalhadas. Os de cerveja os perfilam como tipos pouco inteligentes, fazendo (e rindo de) piadas idiotas, e com um só objetivo na vida: sexo. Um recente comercial da Volkswagen mostra um pai com vergonha do filho pois o menino, além de não surfar ou tocar guitarra, ainda não "pegou" uma garota.

Como todo projeto de dominação e preconceito, a discriminação de gênero, embora baseada numa suposta inferioridade feminina, atinge a todos, porque cria regras "naturais" para o comportamento dessa ou daquela pessoa, baseando-se apenas em seu sexo. Adeus, individualidade e diversidade. No mundo que se convencionou chamar masculino, não há lugar para poesia, para emoções. Sensibilidade é uma capacidade indesejável, ligada a tudo o que é considerado inferior, ou seja, ao feminino.

A educação dirigida aos meninos é completamente diferenciada. Bonecas são brinquedos educativos para as futuras mães, mas causam horror se manipuladas por meninos. O "instinto materno" é aprendido desde a infância, mas não se ensina o paterno (não à toa, se considera tão natural as mulheres ficarem com os filhos numa separação).

Homem não chora, é autossuficiente, não demonstra fragilidade e não leva desaforo pra casa. Se ele se irrita, agride pessoas, deve ser compreendido, porque, afinal, é apenas um... homem, infantilizado pela família e pela sociedade. Enquanto mulheres dividem com outros medos e frustrações, o homem se fecha. Do ambiente familiar, repleto de emocionalidades, resta a ele fugir. O bar e o álcool são o refúgio viril que a sociedade lhe dá.

É preciso rever certos conceitos. Isso passa pelos meios de comunicação de massa, que reforçam estereótipos e criam outros, à guisa de fazer "piadas inocentes". Nós, homens do século 21, somos seres pensantes. Não queremos prover ninguém, almejamos unir esforços. Se por acaso nossa renda for insuficiente ou nula, que nos respeitem. Gostamos, sim, de sexo, mas não pensamos nisso 24 horas por dia. Nos interessa o futebol mas também o balé, a música, a arte, a poesia. E choramos, sim.

Por isso, pedimos ao Conar que suspenda a propaganda da Hope e outras ridículas, não só por ofenderem nossas mães, filhas e esposas, mas por nos agredirem profundamente enquanto homens.

---

**FAUSTO RODRIGUES DE LIMA** é promotor de Justiça do Distrito Federal e coautor do livro "Violência Doméstica - A Intervenção Criminal e Multidisciplinar". **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

## O sentido faz falta? (CONTARDO CALLIGARIS)

**É UMA QUEIXA** frequente: o mundo e a vida fazem pouco sentido -muito menos sentido do que antigamente, completam os saudosistas. Nas famílias, às vezes, essa queixa produz uma espécie de pingue-pongue. Os pais acham que os filhos adolescentes vivem por inércia, sem rumo e projeto: "Eles não estão a fim de nada que preste, não têm uma causa, uma visão de futuro".

Os filhos, confrontados com essa preocupação dos pais, declaram que, se precisassem mesmo de um sentido para viver, certamente não é com os pais que eles o aprenderiam: "Mas qual sentido gostariam que eu escolhesse para minha vida, se a vida deles não tem nenhum?". Nesse diálogo, o sentido parece ser sempre o que falta na vida dos outros que criticamos.

Também existem indivíduos (adolescentes e adultos) que se queixam da falta de sentido em sua própria vida: "Viver para quê? Todo o mundo vai morrer de qualquer jeito; que sentido tem?". Geralmente, ao procurar responder a essas constatações desconsoladas, amigos, parentes e terapeutas agem como os pais que mencionei antes: querem injetar uma causa, uma visão de futuro na vida de quem lhes parece ter perdido o rumo "necessário" para viver.

Agora, eu não estou convencido de que, para viver, seja necessário que a vida tenha um sentido. Quando alguém se queixa de que sua vida é sem sentido, não tento interessá-lo em grandes razões para viver. Prefiro perguntar (para ele e para mim mesmo) de onde surge tamanha necessidade de um sentido. É curioso que, para alguns, a existência precise de uma justificação, de uma razão, de uma causa, de uma visão de futuro. Em regra, essa necessidade de justificar a vida se impõe quando a própria vida não se basta mais. Ou seja, é quando os gestos cotidianos perdem sua graça que surge a obrigação de fundamentar a vida por outra coisa do que ela mesma.

Nota clínica: a depressão não é o mal de quem teria perdido (ou nunca achado) uma grande razão para viver. Depressão é ter perdido (ou nunca encontrado) o encanto do cotidiano. Por consequência, tentar "curar" a depressão de um adolescente propondo-lhe militância política ou fé religiosa é nocivo: se a gente conseguir capturá-lo num grande projeto, esse mesmo projeto o afastará ainda mais da trivialidade do dia a dia, cujo encanto ele perdeu. Resumindo, quando alguém se queixa de que a vida não tem sentido, o problema não é ajudá-lo a encontrar o tal sentido da vida, mas ajudá-lo a descobrir que a vida se justifica por si só, que ela pode ser seu próprio sentido.

A cultura moderna poderia ser dividida em dois grandes blocos (que não coincidem com as tradicionais divisões de esquerda vs. direita etc.): os que pensam que o sentido da vida não está na própria experiência de viver (mas na espera de um além, num projeto histórico etc.), e os que pensam que a experiência de viver, por mais transitória que seja, é todo o sentido do qual precisamos (nota: a psicanálise, inesperadamente, está nesse segundo grupo, por constatar que a gente sofre mais frequente e gravemente pelo excesso do que pela falta de um sentido). Alguém dirá que, com o declínio das utopias políticas e algum avanço (talvez) do pensamento laico, o sentido da vida está em baixa. Em suma, eu estaria chutando um cachorro morto. Não concordo: talvez a própria crise das utopias e de algumas religiões instituídas esteja reavivando uma espiritualidade que tenta sacralizar o mundo, prometendo, no mínimo, sentidos ocultos.

O esoterismo "new age" nos garante que a vida tem um sentido misterioso, que a gente nem precisa saber qual é. Melhor assim, não é? Acabo de ler um breve (e delicioso) ensaio do filósofo italiano Giorgio Agamben, "La Ragazza Indicabile" (a moça indizível, Electa, 2010). Agamben (retomando um ensaio de Jung e Kerényi, de 1941, sobre Koré, a moça sagrada -Perséfone na mitologia clássica) mostra que os mistérios de Eleusis (que são os grandes ascendentes do esoterismo ocidental) de fato não revelavam nenhum grande sentido escondido das coisas e da vida -a não ser talvez o sentido de uma risada diante do pouco sentido do mundo.

Ele conclui com a ideia de que podemos e talvez devemos "viver a vida como uma iniciação. Mas uma iniciação ao quê? Não a uma doutrina, mas à própria vida e à sua ausência de mistério".

---

[ccalligari@uol.com.br](mailto:ccalligari@uol.com.br) - Folha de São Paulo, outubro de 2011.

## Jovens médicos em áreas remotas (JOSÉ OTÁVIO COSTA AULER JÚNIOR)

**RECENTE PORTARIA** interministerial, de número 2.087, que dispõe sobre o programa de valorização do profissional de atenção básica, procura corrigir um grave aspecto de nosso cenário social: a falta de assistência médica nas regiões remotas do país. É sabido que nessas áreas, afastadas dos maiores conglomerados urbanos, grande parte da população por vezes atravessa toda a sua existência sem qualquer contato com algum profissional da saúde. Atacar esse problema é um acerto dos ministérios da Saúde e da Educação que tem o nosso apoio.

No entanto, há um equívoco que poderá afetar tanto o atendimento da população quanto a formação de nossos profissionais. Uma resolução da Comissão Nacional de Residência Médica, apresentada sem o devido diálogo, tenta direcionar médicos recém-formados, ainda não preparados para a prática da medicina, para essas regiões. Qual é a moeda de troca? Conferir aos candidatos a concursos de residência médica que tiverem participado desse programa bônus de 10% ou 20% na nota de ingresso. Isso considerando que permaneçam um ou dois anos nas

regiões consideradas na portaria. Assim, dificilmente essa iniciativa conseguirá fixar médicos fora dos grandes centros. Trata-se de um equívoco, portanto.

Esses médicos recém-formados, por ainda não possuírem a qualificação e a maturidade necessárias, acabarão expondo a si próprios e a seus pacientes à prática defeituosa da medicina, o que constitui uma situação perversa e danosa. Após um ou dois anos, irão regressar para os grandes centros com o cheque do bônus e competindo em vantagem com aqueles que não foram selecionados ou não se dispuseram a participar do programa.

O referido bônus compromete o pilar que sustenta os concursos públicos e universais: o mérito do conhecimento teórico e prático - nesse caso, amalgamado em seis anos do curso de medicina. O Brasil forma 16 mil médicos por ano. Apenas 12 mil desses terão acesso a programas credenciados de residência médica. A residência tem deixado de ser optativa, constituindo-se em programa necessário para o complemento da prática profissional.

O que sugerimos aos órgãos governamentais é uma política corajosa, que amplie as vagas e fiscalize os programas de residência, de tal modo que todo recém-formado tenha oportunidade de consolidar seus conhecimentos em diversas áreas, incluindo aquela da atenção primária. Esse programa dos ministérios será vitorioso se investir na própria sustentabilidade. É fundamental direcionar às áreas carentes médicos que já tenham cursado a residência, com contratos de trabalho e remuneração justos, para que possam se fixar e criar raízes nessas regiões.

Esses profissionais deverão estar inseridos nas redes de cuidados e amparados por recursos tecnológicos, colaboração de especialistas e centros de referenciamento, além de programas de educação permanente. Estabelecido esse novo cenário, o sistema público dará um enorme salto qualitativo no quesito atenção primária à saúde.

---

**JOSÉ OTÁVIO COSTA AULER JÚNIOR** é vice-diretor da Faculdade de Medicina da USP e professor titular da mesma instituição. **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

**As leis sobre meia-entrada e venda de álcool em estádios devem ser flexibilizadas para a Copa? SIM**

**Ceder não é se subordinar à Fifa (LUIZ FLÁVIO BORGES D'URSO)**

**A COPA DO MUNDO** é um evento promovido pela Fédération Internationale de Football Association (Fifa), entidade de direito privado, de âmbito mundial, que regula o futebol em todo o planeta, fixando até o preço do ingresso que será cobrado dos torcedores. Os compromissos entre a Fifa e o país-sede da Copa do Mundo começam muito antes do primeiro chute, quando é lançada a candidatura para a realização de um evento assistido por milhões e milhões de espectadores.

Em sua segunda edição em nosso país, a competição deve gerar R\$ 183 bilhões em negócios e atividades econômicas, além de abrir 700 mil empregos diretos e indiretos, de acordo com informações fornecidas pelo Ministério do Esporte. Diante de números tão gigantescos, a polêmica em torno da venda de meia-entrada para estudantes e idosos e do consumo de bebidas alcoólicas nas dependências das arenas durante os jogos da Copa adquire uma importância menor. A Lei Geral da Copa não aborda esses temas demandados pela Fifa, que teme não auferir os lucros imaginados no momento em que assinou o contrato da Copa com o Brasil. Conforme algumas estimativas da imprensa, a aprovação de uma lei federal de meia-entrada para jovens acarretaria prejuízos da ordem R\$ 180 milhões à entidade esportiva internacional. A Fifa, de um lado, quer que seja franqueado o consumo de álcool nos estádios e não aceita a comercialização de meias-entradas.

Já o governo deseja manter o benefício na compra do ingresso e ainda não apresentou posicionamento claro naquilo que tange à comercialização de bebidas. Mostra-se, entretanto, mais inflexível no que se refere à meia-entrada para pessoas com idade acima de 60 anos, definida pelo Estatuto do Idoso, uma lei federal. Para os estudantes, outro segmento beneficiado pela meia-entrada, esse direito é assegurado apenas por leis estaduais, o que faria o tema ser tratado diretamente em cada unidade da Federação. Mas o imbróglio pode se complicar ainda mais se vier a ser aprovado o Estatuto da Juventude, que passou recentemente pela Câmara dos Deputados e seguiu para análise do Senado.

Com relação às bebidas alcoólicas, não há lei federal que as proíba, apenas regras estaduais e uma norma da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que veda o consumo em estádios de futebol. A proibição da comercialização de álcool no interior das arenas visa a prevenir a violência nas mesmas e a incrementar a segurança dos torcedores. Mas a Copa do Mundo não é um jogo que opõe torcidas rivais e, por isso mesmo, precisa ser tratada com a importância de um evento global. Em tempo hábil para a organização da Copa de 2014, abrir mão da meia-entrada e permitir o consumo de álcool nos estádios não significa, absolutamente, uma subordinação do país às vontades e aos caprichos da Fifa. É simplesmente uma forma de compor com os regulamentos já definidos pela entidade, que tem total autonomia sobre a realização da Copa.

Assim, como os grandes estádios do mundo adotam regras diferentes segundo a natureza do espetáculo que se vai apresentar ali, precisamos ter sensibilidade semelhante. A Copa do Mundo será um espetáculo único, que criará (ou melhor, já começou a criar) oportunidades ímpares para a economia brasileira e para a projeção internacional do país.

**Prof. Lucas Rocha**

**LUIZ FLÁVIO BORGES D'URSO**, advogado criminalista, mestre e doutor em direito penal pela Universidade de São Paulo, professor honoris causa das Faculdades Metropolitanas Unidas, é presidente da OAB-SP (Ordem dos Advogados do Brasil, divisão de São Paulo).  
**Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

## **As leis sobre meia-entrada e venda de álcool em estádios devem ser flexibilizadas para a Copa? NÃO** **A legislação brasileira para todos (ISAIAS CUSTÓDIO)**

**A POLÊMICA** sobre a venda de bebidas alcoólicas e sobre a aplicação do direito a ingressos com valor menor para idosos e estudantes nos estádios durante a Copa de 2014 estabelece um confronto entre as exigências da Fifa e a legislação brasileira. Em caso de dúvidas, fico com a nossa legislação. Por ser evento de expressão mundial, a Copa do Mundo direcionará os olhos de milhões e milhões de pessoas para a "marca Brasil". Diante disso, creio que foi um acerto nos candidatarmos e aceitarmos a incumbência de realizá-la no país em 2014 (o mesmo diria das Olimpíadas de 2016, no Rio).

É certo que há investimentos de grande magnitude que terão que ser feitos em infraestrutura de transporte, de turismo, de segurança pública e equipamentos esportivos, entre outros. Contudo, boa parte deles já é necessária; teremos simplesmente um argumento a mais (com prazo determinado) para efetuar-los. Nessas circunstâncias, viva a Copa do Mundo de 2014 no Brasil! Isso não significa que tenhamos que nos dobrar às exigências da Fifa ou de qualquer outra organização de eventos supranacionais.

Estudos científicos mostram que o uso exagerado de bebidas alcoólicas tende a exacerbar comportamentos antissociais e mesmo criminosos. O seu consumo é um dos grandes problemas a serem atacados pela sociedade para a redução da violência - tanto sob a forma dolosa (intencional) quanto sob a culposa, em que normalmente se enquadram os acidentes de trânsito. O consumo de bebidas alcoólicas em locais fechados com grande concentração de pessoas, como estádios do futebol, gera riscos muito grandes. Infelizmente, brigas e quebra-quebras são cenas comuns nesses cenários de aglomeração -para elas, contribui de forma decisiva o álcool. O Estatuto do Torcedor, em boa hora, estabeleceu a proibição desse consumo, conquista da qual não devemos abrir mão, ainda mais durante a Copa de 2014.

Quanto aos ingressos, o Estatuto do Idoso (uma lei federal) estabelece, para os que têm mais de 60 anos, o direito ao acesso preferencial a eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, com redução de preço nos ingressos. Legislações estaduais e municipais concedem o mesmo direito a estudantes regularmente matriculados. Ainda que haja bons argumentos para tratar a questão no âmbito exclusivo de uma relação entre fornecedor e consumidor - da qual o Estado, portanto, deveria ficar à margem, a menos que subsidiasse a diferença entre o preço do bem ou serviço e o valor pago pelo consumidor -, a discussão deve ser realizada em outro contexto, um pouco menos simplista.

O que o Estatuto do Idoso visou preservar foi a possibilidade de esses cidadãos continuarem a ter acesso a determinados bens ou serviços mesmo depois de terem sua capacidade laboral e de renda reduzida. Tal tratamento é conferido ao idoso em inúmeros outros países. E quanto aos estudantes? A redução dos preços, nesse caso, não seria um privilégio. É uma questão mercadológica: os próprios organizadores desses eventos deveriam ter interesse em oferecer abatimentos como forma de criação e manutenção do mercado desses bens. Ou seja, com vistas à fidelização mercadológica do adulto no qual o jovem se transformará quando estiver inserido no mercado de trabalho e com renda suficiente para ampliar o seu leque de acesso ao mercado de consumo.

Os produtores de shows artísticos, os vendedores de obras de arte e os agentes de turismo sabem bem do que estou falando. Creio que os dirigentes de futebol também...

**ISAIAS CUSTÓDIO** é professor do departamento de administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP.  
**Folha de São Paulo, outubro de 2011.**